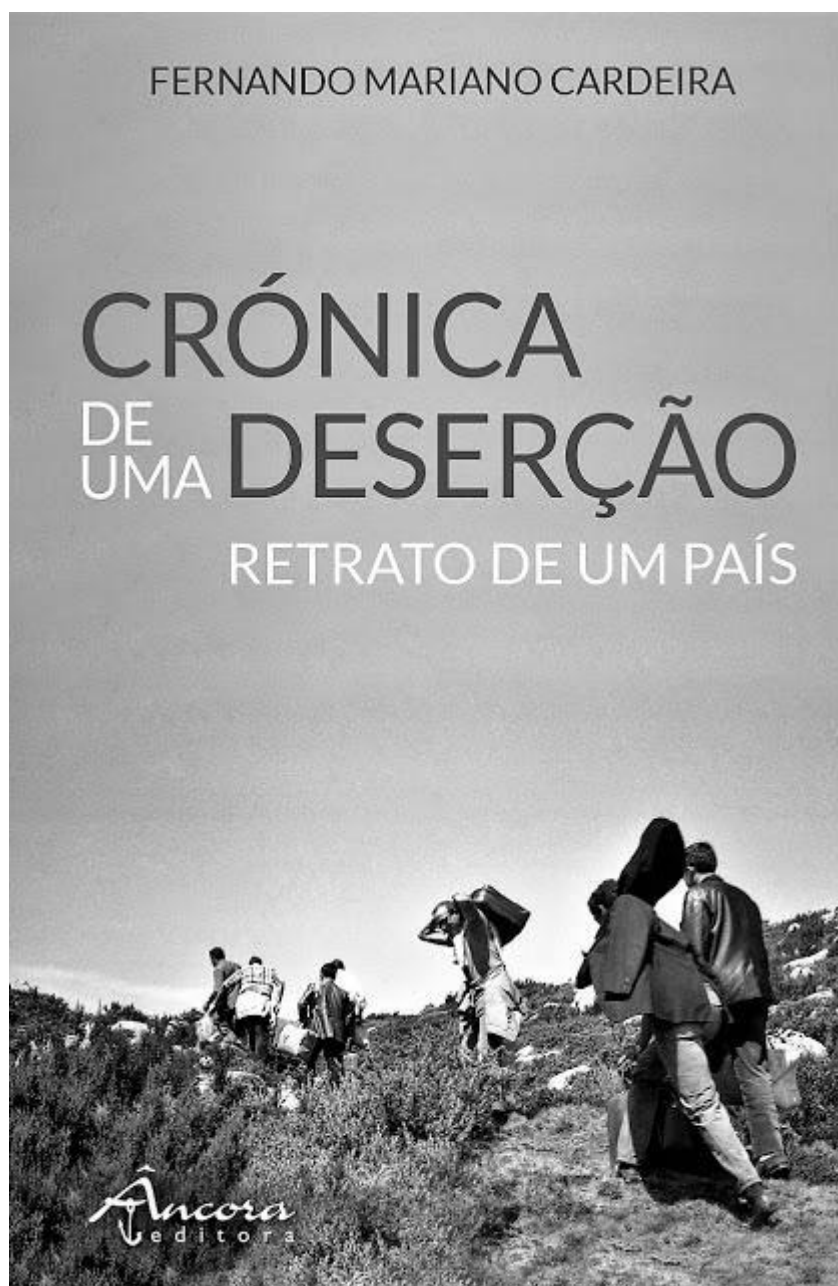


Guiné 61/74 - P22057: Agenda cultural (770): "Crónica de uma deserção: retrato de um país", de Fernando Mariano Cardeira, Lisboa, Âncora Editora, 2021, 264 pp.



Capa do livro de Fernando Mariano Cardeira: "Crónica de uma deserção: retrato de um país". Lisboa: Âncora Editora, 2021, ISBN 978 972 780 760 4

Ficha técnica:

Edição: 1.^a Edição - Março de 2021

Páginas: 264

Formato: 15x23cm

Preço de capa: 17 €

1. Mensagem do nosso leitor Fernando Cardeira, presidente da direção do movimento cívico "Não Apaguem a Memória" (NAM), com data de 26 mar 2021, 12h43:

Caros amigos,

Finalmente, com um ano de atraso devido à pandemia, saiu o meu livro. O facto de ter muitos amigos impossibilita-me oferecer um exemplar a cada um deles! Assim, peço-vos que, caso estejam interessados em adquiri-lo, o façam, para já, no sítio da Editora Âncora, que já está a enviar livros sem custos adicionais. Basta clicarem aqui e fazerem a vossa encomenda: <https://www.ancora-editora.pt/pt/detalhe-do-livro/crnica-de-uma-desero-retrato-de-um-pas#>

(...) Dentre em pouco o livro estará também disponível para venda on-line no Wook: <https://www.wook.pt/>

(...) Um abraço a todos

Fernando Mariano Cardeira

2. Sobre o autor > Fernando Mariano Cardeira

- (i) nasceu em Fanhais, freguesia da Nazaré, a 11 de Outubro de 1943;
- (ii) frequento o Liceu da Figueira da Foz, 1954-59, e o Liceu de Leiria, 1959-61;
- (iii) ingressou na Academia Militar (AM) em Outubro de 1961;
- (iv) em 1965 ingressou no Instituto Superior Técnico como oficial-aluno da AM;
- (v) em 1968 requer o abate ao efectivo da AM por discordar da política colonial do governo;
- (vi) é reclassificado em tenente miliciano de Infantaria em Mafra, Abril de 1969;
- (vii) interrupção do curso de Engenharia, que vem a completar em 1977;
- (viii) mobilizado para a Guerra Colonial em Maio de 1970;
- (ix) em 23 Agosto de 1970 desertou a salto pela Serra do Gerês, e pediu asilo político na Suécia;
- (x) regressou a Portugal em Junho de 1974;
- (xi) reintegrado no Exército, foi convidado para Director de Informação da RTP, onde ficou de Abril de 1975 a Abril de 1976;
- (xii) funcionário dos Serviços de Apoio do Conselho da Revolução até Agosto de 1979;
- (xiii) completou o Curso de Engenharia Nuclear no Instituto National des Sciences et Techniques Nucléaires de Saclay, França, em Setembro de 1980;
- (xiv) em 1986 ingressou no Reactor Português de Investigação como Supervisor;
- (xv) aposentou-se em 2004;
- (xvi) representou Portugal em vários comités científicos da OCDE e da União Europeia;
- (xvii) foi um dos fundadores da Associação de Exilados Políticos Portugueses (AEP61/74) em 2015;
- (xviii) é actualmente Presidente da Direcção da Associação Movimento Cívico Não Apaguem a Memória-NAM.

Fonte: Adapt. de Âncora Editora

3. Sinopse do livro (, com a devida vénia, contracapa)

«Lendo este livro compreende-se quase tudo o que é importante para entender o século XX português. A pobreza do país, quase medieval; a passagem do mundo rural para o mundo urbano; a importância do trabalho artesanal – é inesquecível a descrição do trabalho num pinhal, com profissões que já não existem; a vida de comunidades pré-capitalistas, atrasadas, sem luz, a 100 km de Lisboa; o tempo da enxada na mão e da recolha da caruma e, quase ao mesmo tempo, o ensino universitário de ponta no Instituto Superior Técnico; a mobilidade social pelos estudos e pelo Exército; a politização marxista pós 68; a cultura universitária das décadas de 60 e 70 na Europa e nos EUA, do cinema à libertação sexual, isto num país onde até 1974 era possível ao marido abrir a correspondência da mulher. Estão aqui a grande história mundial, com a disputa pelos territórios coloniais como pano de fundo, e também a da resistência e romantismo, glória e coragem dos movimentos de libertação, numa Suécia que chorou a morte de Amílcar Cabral, assassinado; os atos de solidariedade no combate ao regime, as redes internacionais de apoio aos desertores e aos refugiados políticos; e a ferocidade da PIDE, que não poupou a minha tia, sua esposa, de uma perseguição sem sentido, e abria despididamente as cartas da minha avó.»

do Prefácio de Raquel Varela

Nota do editor:

Último poste da série > 12 de março de 2021 > Guiné 61/74 - P21999: Agenda cultural (769): "Judeus portugueses na América: uma outra diáspora", de Carla Vieira (Lisboa, A Esfera dos Livros, 2021, 344 pp.)

Postado por Tabanca Grande Luís Graça at 19:04



Marcadores: Academia Militar, agenda cultural, bibliografia, desertores, exilados, Suécia

1 comentário:



Moraís Silva disse...

Aos editores solicito o apagamento dos comentários anteriores e que substituam por este que tem o texto sem truncagem:

Resumo do CV publicado:

Após 7 anos de aluno da Academia Militar, em 1968, o autor deste livro, pede o abate ao efectivo, com o posto de Alferes de Engenharia, por discordar da política colonial!

Quando colocado nas Caldas da Rainha, com mais 7 ex-alunos igualmente abatidos ao quadro, deserta em Agosto de 1970 quando foi mobilizado para a Guiné. Asilado político na Suécia, adere à OCMLP local (maoísta) mas recusa juntar-se a Palma Carlos da LUAR porque, diz Carneira, autor do livro ora editado, “ não éramos iluminados politicamente, mas não queríamos voltar para Portugal participar num ‘projecto revolucionário’ que não apresentava qualquer consistência... A viagem de 1968 [viagem de curso a custas do Estado] tinha-nos aberto outros horizontes, tínhamos visto os filmes que não podíamos ver em Portugal, ler os livros que não se podiam ler, coisa tão corriqueiras como ver a montra de uma sex shop”.

Será que a causa primeira da deserção (política colonial) afinal resultava da sede de ler, ver filmes e ver montras de sex shop?!

Ainda,

O PAIGC Actualités, de Setembro de 1970, publica na capa a foto dos seis desertores com o título <<6 tenentes portugueses, 4 destinados ao nosso país, recusaram a guerra colonial>>. Junto à fotografia, um dos tenentes declara "Nós apoiamos sinceramente os homens que, de armas na mão, lutam contra o exército colonial português em África".

Aqui chegado, a memória lembra-me que comandeí e combati na Guiné, perdi homens em combate e este tipo e seus comparsas foram solidários e apoiantes dos que roubaram a vida a jovens que com muita, pouca ou nenhuma vontade de combater, não viveram para ler livros, ver filmes e montras de sex shop.

"Fervo" com o permanente sentimento de NOJO que me provocam os "fujões" da guerra a quem a ameaça desta abriu a mente para se descobrirem, conveniente e oportunisticamente, "opositores do regime vigente e da guerra colonial".

Porque, reconheçamos, muitos compatriotas houve que, discordando do regime deram provas claras do seu carácter arriscando a prisão ou a clandestinidade por muitos anos. Não partilhando dos seus ideais mereceram e merecem o meu respeito pela sua coerência.

Resumindo, este "fujão" é um tipo com carácter de geometria variável que ENVERGONHOU todos os que honraram o juramento que fizeram na mesma Escola e partiram para África onde todos comandaram, combateram e, infelizmente, 47 morreram em combate na flor da idade.

Finalmente, UMA INTERROGAÇÃO que me inquieta. Porquê um blog de combatentes dá guarida a um "fujão"?

Morais da Silva

Capitão Cmdt da CCç 2796 em Gadamael (70-72)

3 de abril de 2021 às 16:29 

From: Antonio Silva
To: [Carlos Esteves](#)
Bcc: antoniocmsilva45@gmail.com
Subject: Re: [Luís Graça & Camaradas da Guiné] Novo comentário sobre Guiné 61/74 - P22069: (In)citações (184): Porquê u....
Date: 5 de abril de 2021 19:14:22

Caro Vinhal

Agradeço a sua delicadeza. Contactei o Luís quando do “apagão” que julguei resultado de pirataria. Soube então que ele tinha decidido eliminar o que tinha publicado. Apoiei a iniciativa porque adivinhava reacção negativa dos que deram o corpo ao manifesto e não gostam que o seu sacrifício não seja reconhecido por figurões “iluminados”.

Abraço do MS

Morais Silva

No dia 05/04/2021, às 17:21, Carlos Esteves <vinhal48@gmail.com> escreveu:

Senhor Coronel Moraes da Silva

Para conhecimento do comentário que publiquei nos dois postes que entretanto o Luís apagou.

Abraço

Carlos Vinhal

----- Forwarded message -----

De: **Carlos Vinhal** <noreply-comment@blogger.com>

Date: segunda, 5/04/2021 à(s) 12:07

Subject: [Luís Graça & Camaradas da Guiné] Novo comentário sobre Guiné 61/74 - P22069: (In)citações (184): Porquê u....

To: <vinhal48@gmail.com>

Carlos Vinhal deixou um novo comentário na sua mensagem "[Guiné 61/74 - P22069: \(In\)citações \(184\): Porquê u...](#)":

Compreendo e aceito a opção dos refratários que não quiseram participar na “guerra colonial”, tendo para isso abandonado Portugal antes de serem chamados às fileiras. O mesmo não posso dizer dos desertores, que já alistados, fugiram dos TOs ou ainda antes de serem mobilizados. Os primeiros podem alegar tudo, os segundos não têm sequer justificação ideológica ou outra porque à partida sabiam para o que iam quando aceitaram ser incorporados nas FA.

O caso presente do autor deste livro ainda é mais complicado, porque ingressou na AM em 1961, já a “guerra colonial” tinha rebentado, só ele saberá as suas motivações. Ao fim de 7 anos teve um clique a alertá-lo de que fazia parte de um “exército colonial” e pede o seu abate. Chamado mais tarde para cumprir o SMO, deserta.

Aos 77 anos resolve publicar um livro descrevendo um Portugal atrasado, estávamos nos anos 60, quicá o seu ponto de vista político e a justificação para a sua deserção das FA. Pode-se perguntar porquê só agora.

Quanto ao comentário do senhor Coronel Moraes da Silva no Poste 22057, não posso estar mais de acordo. Sempre me provocou alguma urticária a abertura, no nosso Blogue, aos

“fujões”, tanto mais que eles, a seguir ao 25 de Abril, quando regressados do exílio, foram elevados à categoria de heróis nacionais por uma esquerda doentia, enquanto nós, os antigos combatentes, fomos apelidados por essa mesma esquerda como fascistas, colonialistas e até assassinos. É caso para dizer que já tiveram os seus tempos de glória. Quero ainda deixar o meu apreço às palavras do nosso amigo Chernó, dirigidas especialmente aos patrioteiros portugueses que querem negar/apagar a história, encobrindo assim um passado colonial, afinal igual ao de muitos países espalhados pelo mundo. Nós antigos combatentes não tivemos culpa da herança e lutámos enquanto o poder político não resolvia a guerra. É sempre assim.

Carlos Vinhal
Leça da Palmeira

[Anular a subscrição](#) dos emails de comentários deste blogue.

Publicada por Carlos Vinhal em [Luís Graça & Camaradas da Guiné](#) a 5 de abril de 2021 às 12:07

From: Joaquim Alves
To: Luís Graça
Cc: António Rosinha; Carlos Esteves Vinhal; Cherno Baldé; Morais Silva
Subject: Re: Retirada dos postes sobre o livro "Crónica de uma deserção"
Date: 5 de abril de 2021 14:10:25

Caro Luís

Alegro-me muito com a tua decisão.

Obrigado por ouvires a voz dos combatentes aos quais pertences inteiramente.

As amizades nunca são colocadas em causa por haver diferentes opiniões mas cada um de nós só pode aferir das nossas decisões se os nossos amigos forem verdadeiros e frontais connosco com o respeito que todos merecemos.

Um forte abraço para ti e todos os que estão envolvidos neste email

Joaquim Mexia Alves

Luís Graça <luís.graca.prof@gmail.com> escreveu em seg., 5/04/2021 às 13:35 :

Caro Morais da Silva:

A amizade e a camaradagem forjadas na Guiné e neste Blogue são o nosso maior denominador comum, e o cimento que nos une, como gosto de frisar nas nossas conversas, ao telefone.

Na Tabanca Grande, e debaixo do seu fraterno e acolhedor poílão, temos sabido, ao longo destes 17 anos, viver e conviver com tudo o que os une e até com o que nos separa. Mas há aqui também "linhas vermelhas": não estando no meu melhor momento de saúde, não tive a fria lucidez (e sobretudo o habitual bom senso) para ver que "pôr nas luzes da ribalta" o livro de um ex-desertor, num blogue como o nosso, era brincar com a "caixinha de Pandora"...

Dito isto, decidi retirar os 2 postes em causa, sem desprimor para os comentários que foram feitos, e por si e outros camaradas, e que vou arranjar maneira de os agregar, eventualmente, num poste sobre o tema "nós e os desertores".

Terei muito gosto mandar-lhe cópia do seu poste que deixou de estar "on line". E, quando a oportunidade chegar, aceitarei com agrado o seu convite e sugestão, ser o meu guia numa visita ao museu da Academia Militar, na Gomes Freire.

Boa saúde, bom trabalho, mantenhas!... Luis